



## AS REFLEXÕES SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA, DESDE A INFÂNCIA À VIDA ACADÊMICA E À PÓS-GRADUAÇÃO

### Reflections on my life path, from childhood to academic life and post-graduation

Ronilson Santos de Souza<sup>1</sup>  
Angélica Karlla Marques Dias<sup>2</sup>  
Regina Célia Moraes Vieira<sup>3</sup>

#### Resumo

Neste memorial, apresento “as reflexões sobre minha trajetória de vida, desde a infância à vida acadêmica e à Pós-graduação”. Meu objetivo é fazer uma recordação da minha infância, desde o meu ingresso escolar até o curso de pedagogia e Pós-graduação. O ser humano, enquanto cidadão, precisa passar por diversas etapas do seu desenvolvimento pessoal e profissional, em vista de ser a nossa infância, muito importante para a outra etapa na vida adulta. O memorial descrito relata não só a trajetória da minha formação escolar, mas descreve uma síntese dos meus momentos marcantes, da minha história familiar e pessoal.

**Palavras-chave:** Infância; Conhecimento; Formação.

#### Abstract

In this memorial, I present “reflections on my life trajectory, from childhood to academic life and postgraduate studies”. My goal is to remember my childhood, from when I started school to my pedagogy and postgraduate studies. Human beings, as citizens, need to go through

<sup>1</sup> Formado em Pedagogia pela Uniasselvi (2019). E-mail: santosnonilson@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus (SEMED). Lotada na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM), no Projeto Oficinas de Formação em Serviços (OFS) onde é formadora no Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, em parceria com a Universidade Estadual do Amazonas (UEA), na Escola Municipal Aristófanés Bezerra de Castro. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UFAM) e formada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: angelica.dias@semed.am.gov.br

<sup>3</sup> Professora da Rede Municipal de Educação de Manaus. Lotada na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM), no Projeto Oficinas de Formação em Serviços (OFS) onde é formadora no Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, em parceria com a Universidade Estadual do Amazonas (UEA), na Escola Municipal Aristófanés Bezerra de Castro. Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA). Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. Formada em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: regina.vieira@semed.manauas.am.gov.br



several stages of their personal and professional development, considering that our childhood is very important for the other stage in adult life. The memorial described tells not only the trajectory of my school education. But it describes a synthesis of my memorable moments, my family and personal history.

**Keywords:** Childhood; Knowledge; Training.

## Introdução

### 1. Os caminhos de minha infância

Nasci em 18 de outubro de 1986, Manaus/ AM. Sou filho caçula dos meus pais. Fui criado no interior do Amazonas, em Janauary (Município de Iranduba). Minha mãe era cozinheira em um restaurante onde recebiam turistas, e ela não é alfabetizada. Ela mesma era dona do restaurante, pois seus pais moravam no interior de Autazes (AM), e eles eram borracheiros e seringueiros. Já meus avós paternos, minha avó é de Manacapuru (AM), e meu avô, a origem dele é peruana, e não tive a oportunidade de conhecê-lo. Meu pai é artesão, pois era a única fonte de renda em nossa família. Nós éramos muito felizes. Eu brincava com meus primos até anoitecer e depois tomávamos banho no rio.

Posso dizer que minha infância foi muito boa. Nasci em Manaus, mas fui criado no interior chamado Lago do Janauary. Segundo meus pais e meus avós, esse nome tem a ver com uma tribo que ali habitava antes da chegada dos meus familiares. Essa tribo se chamava Terra Indígena Jauari. Eu era muito sapeca, pois tinha a natureza ao meu redor e o tempo livre para brincar com meus primos de pega-pega, esconde-esconde, de futebol, e aprontar e chorar também fazia parte da minha infância. Meus pais sempre me deixaram livre para brincar, mas primeiro tinha que fazer o dever de casa. Meus pais eram muito rígidos comigo. Nesse lugar onde nós moramos, era várzea. Quando era tempo de enchente, as casas iam para o fundo e familiares faziam



maromba<sup>4</sup> pra não molhar as coisas da casa, mas a nossa casa não ia pro fundo, porque meus pais construíram ela bem alta. Era muito legal essa época, pois eu aproveitei cada fase da minha infância. Eu ia pra roça com meus pais, tomava banho no rio, pois é normal na vida de uma criança do interior e nunca pensei em morar na cidade. Eu adorava quando meu irmão chamava para pescar e todo final de semana tinha festa, tinha barco que ía daqui de Manaus pra lá levando times masculino e feminino pra jogar futebol, e na casa do meu padrinho era um salão de festa.

Portanto, a vida no interior era simples. Nós vivíamos da caça, da pesca e do turismo. Meus pais que faziam seus próprios alimentos. Farinha e frutas eram do nosso sítio e tudo que meus pais plantavam era pra nós mesmos e quando era tempo da enchente eles faziam um grande mutirão pra fazer a colheita de mandioca. Cada um tinha seu papel: uns arrancavam, e outros raspavam e colocavam pra sevar e depois, no forno, pra fazer a farinha.

## 2. A pedagogia me chamou

A escolha de fazer a pedagogia foi por causa que havia muitas crianças com dificuldades de aprendizagem. Não somente as crianças, também tinha adultos do meu convívio e eu tinha que fazer alguma coisa pra minimizar essas carências na aprendizagem da minha família e, também, se possível, poder ajudar a minha comunidade.

Com meus cinco anos acompanhava meu irmão pra escola. Ela ficava perto de casa e a professora dizia pra minha mãe que não tinha problema de eu ir. Adorava fazer as atividades que ela passava pra mim. O que mais eu gostava na escola era a merenda. Eram saborosas e deliciosas! E de brincar também com colegas de correr e pular. Mas comecei a frequentar mesmo a escola quando completei seis anos,

---

<sup>4</sup> Cobertura sobre palafitas ou toras de açacu para abrigo de gados durante as grandes enchentes amazônicas.



porque, naquela época, somente com essa idade se podia frequentar a aula. A escola era de madeira e pertencia ao município de Iranduba, e na vila onde eu morava era bastante vista por todos, principalmente pelos turistas, que faziam seus passeios e paravam bem em frente da nossa comunidade.

O nosso padroeiro da nossa comunidade era São Francisco de Assis. Seus festejos duravam nove noites. E no dia 04 de outubro, tinha procissão e derrubação de mastro, com frutos salgados e doces e muita festa. E tinha até boneca viva! E, como era pequeno, na minha inocência, pensava que era boneca mesmo, mas eram crianças desfilando pra arrecadar recursos para a nossa comunidade. Na vila teve até gravação de filme e novela. A minha comunidade era muito querida. O filme que foi gravado foi “Tainá, uma aventura na Amazônia”. Esse dia foi muito legal. Pude conhecer os bastidores e, mais legal ainda, foi que minha escola serviu de moradia pra Tainá e o Juninho, e ela dava maçã pra mim. Foi a primeira vez que eu vi uma, porque meus pais não compravam.

### **3. Memórias de minha infância aprendiz**

A família é a base de tudo! Sendo estruturada, com certeza, vamos ser uma criança que não vai ter muita dificuldade na aprendizagem escolar. A família e a escola são as principais instâncias sociais, nas quais a criança está inserida e é no interior dela que se constroem os processos de sua socialização e aprendizagem, mas, primeiramente, é no convívio familiar. E meus pais sempre priorizaram a minha alfabetização, mesmo eles não sendo alfabetizados. Meu pai fez até ensino fundamental. E, na infância, eu gostava era mesmo de brincar (risos).

O que marcou bastante na minha vida foi a gravação do filme “Tainá: uma aventura na Amazônia”. Nesse ano, foi muito bom. Conheci os atores do filme. Pude brincar e cantar uma cantiga: a dança da carochinha, uma dança muito famosa. Posso dizer que tive uma infância muita boa, pude aproveitar bastante essa fase da minha



vida. Eu e meus pais íamos para a roça e, quando voltávamos de lá, cheios de frutas recolhidas das árvores que meus pais e meus avós tinham plantado antes de eu nascer, ficava mais feliz ainda. Adorava correr e subir nelas, mas tinha recomendação. Quando chegávamos à roça, não podia andar no mato. Quando dava meio-dia, eu nem podia pular no lago, porque nesse horário, tinha que ser respeitado. Porque nesse horário, segundo meus avós, coisas ruins estavam andando pelos matos e rios e era sagrado: todos tinham que ficar quietos.

Minha mãe cozinhava num restaurante, onde recebia turistas e, meu pai, fazia artesanatos como: cocar, bonecas de cuias, sarabatanas, colar e flechas. Nós tínhamos uma barraca pra fazer a comercialização desses materiais e eu, com apenas onze anos, já os ajudava nas confecções. Quando eu chegava da escola, e depois nós íamos pra venda, e eu mostrava bichos como: bicho preguiça, cobra, jabuti e filhotes de jacaré para os turistas, eu ganhava uns trocados e ficava feliz quando eu ganhava dólar!

Quando chegava a época de o rio encher, ficávamos muito preocupados com nossas casas, e quando o rio abaixava, também era outra preocupação. Só ficava o canal, onde cabia somente canoa. Tínhamos que procurar cacimbas, um olho de água, de onde retirávamos água limpa pra beber. E, quando era para vir para a capital, havia um trator que levava os passageiros até um certo lugar. Ai que pegávamos o barco para atravessar o rio negro. Era uma verdadeira aventura pra quem mora no interior.

#### **4. Memória é o lugar da nossa aprendizagem mais fecunda**

A memória, portanto, não é um sonho, e sim uma revisão da nossa história. História essa que jamais mudaremos, mas, podemos redesenhar e redefinir para que outras pessoas tenham conhecimento ou até mesmo sejam acontecimentos que possa contribuir na vida de alguém.



Arendt (2013) reforça este pensamento, dizendo que o memorial possibilita ao sujeito ser o produtor do texto e, ao mesmo tempo, objeto da pesquisa. Além disso, o presente e as perspectivas para o futuro são traçadas, muitas vezes, a partir dessas memórias. E, assim, podemos refletir sobre os fatos significativos das nossas relações pessoais, do nosso crescimento, tanto como pessoa, quanto profissional.

Outra memória que, conforme o que nos diz Arendt, marcou muito a minha infância, foi quando vim pra Manaus, com meu pai, no barco dele pela manhã. Fomos fazer compra de casa, e comprar pães pra revender. E, na volta pra casa, já no meio do rio negro, pegamos um temporal, com ventos muito fortes. E começou a entrar água pra dentro da canoa e também entrou no tanque de gasolina e o motor não funcionou mais. E ficamos parados, bem no meio do rio. Meu pai me abraçou bem forte, e o vento levou a canoa para a beira das árvores que tinham ali. Mas começou fortemente o vento e a água não parava de entrar na canoa, e tivemos que jogar fora as mercadorias, pra não afundar a canoa. Com a graça de Deus, o temporal se acalmou e voltamos pra casa com a ajuda de um parente, que nos avistou e foi nos ajudar. Já passei por muitas coisas ruins na minha vida, enquanto criança. Porém, a cada aventura e dificuldades vividas, aprendi, desde cedo, que a vida não é fácil, e que tudo que eu pudesse conseguir na minha vida, seria com muita luta.

O meu pai tinha um vício: o álcool. E, quando ele bebia, minha mãe já ficava preocupada porque ele ficava agressivo, e batia muito na minha mãe. E eu ficava chorando muito. E teve um dia que ele ficou tão embriagado, que fez a gente correr com um terçado e ele bateu no meu braço, que ficou a marca. Nesse dia, tivemos que dormir na casa da minha avó, e ele dormiu bem na entrada da porta de casa, esperando a minha mãe entrar.

Quando criança, a minha infância foi repleta de memórias que fazem com que eu tenha orgulho do que sou hoje. Apesar de muitos altos e baixos, essa parte ruim da minha infância só me fez crescer. Assim, é possível pensar que não existe uma



história de criança e sim várias histórias sobre a criança, que, se bem consideradas, podemos entender muito bem os adultos que somos hoje, pelo menos pessoalmente. Mas, como acredito que o pessoal está muito ligado às escolhas profissionais da gente e isso é fato, quando me percebo, hoje, um pedagogo.

Os termos “criança” e “infância” são apresentados na literatura científica de formas distintas. Embora exista um equívoco em compará-las. Para Kuhlmann Junior (2004, p. 16),

[...] a palavra infância evoca um período da vida humana. No limite da Significação, o período da palavra inarticulada, o período que podemos chamar da construção/apropriação de um sistema pessoal da comunicação, de signos e sinais destinados a fazer-se ouvir. O vocábulo criança, por sua vez, indica uma realidade psicobiologia referenciado ao indivíduo.

A vida de uma criança no interior, nos anos 1980 e 1990 era básica. Muito diferente de agora. Nessa época, nós não tínhamos celular e nossas brincadeiras eram muito saudáveis e, na casa do meu padrinho, havia um carregador de energia, e nós assistíamos televisão na minha avó, até um certo horário. Éramos bem limitados pela energia. Meus avós adoravam contar histórias do seu tempo de seringueiro e sobre as superstições. E contavam que eles vieram para a capital de canoa, levavam dias pra chegar e voltavam pra casa novamente. Lembro que fiquei bem tarde da noite na casa da vovó, e quando voltei pra casa, me deparei com um ser sobrenatural parado na minha frente e olhando fixamente para mim. E fiquei congelado na escada. A minha voz não saiu, querendo gritar e não saía, e de repente soltei um grito bem forte e minha mãe veio correndo pra ver o que tinha acontecido. E nunca mais fiquei até tarde na minha avó.

O que era mais legal no interior, era quando tinha jogo e vinham várias pessoas de outras comunidades jogar futebol. Era valendo porco, cerveja e boi na competição. E minha mãe vendia churrasco e eu ficava correndo com meus primos.



Na minha infância, portanto, foi bem desenvolvido a parte do brincar e de usar a imaginação, para aprimorar nossas habilidades de criança, já que nesta época, não existia educação infantil. A educação infantil era em casa. O meu aprendizado foi iniciado no âmbito familiar com atividades nas quais a minha família ensinou a ter: respeito, o amor e a solidariedade, esses elementos fundamentais que o humano precisa para sobreviver na sociedade nos tempos atuais que estamos vivendo.

O brincar foi uma atividade muito construtiva na minha infância, começando pela construção dos brinquedos por mim mesmo. Justamente com os primos saía para o mato, cortávamos madeira e construíamos casinhas, quaisquer tipos de sucatas viravam móveis e utensílios do lar. Com as folhas das árvores de cuias, nós fazíamos de dinheiro. Nós éramos muito felizes! Que pena que tudo hoje se acabou. Essa infância está tão rara, que só nos restam as lembranças e as saudades.

Segundo Carlsson e Feilitzem (1999), estamos na era da sociedade virtual. Esta, por sua vez, está associada à digitalização, à rapidez e à interação pessoa máquina em um sistema de globalização, que rompe limites e quebra barreiras do tempo e do espaço. As novas tecnologias permitem que o homem seja onipresente, pois possibilita estar conectado a vários lugares ao mesmo tempo. E isso anda causando algumas doenças muito sérias nas nossas mentes. E tem prejudicado muito os relacionamentos corpo a corpo. As pessoas não se olham mais, não se observam, não gostam de fazer coisas juntas e tudo tá mais frio, sem amor.

O aprendizado é mais do que a aquisição da capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado não altera nossa capacidade global de focalizar atenção; em vez disso, no entanto, desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas (Vigotski, 1989, p. 92).

Tive o prazer de conhecer meus bisavós, pais da minha avó paterna, no interior de Manacapuru, Castanho, onde também conheci vários parentes. Passei um mês nesse interior, fui pra roça da vovó, com meus primos. Pesquei, ia pra aula com a



vovó. Infelizmente ela faleceu com uma picada de cobra no roçado, e meu bisavô, de velhice. E minha vó ainda mora lá, mãe do papai.

Com o passar dos anos, veio uma reviravolta na nossa comunidade, o que fez a paz se tornar infelicidade. No ano de 1999, meu avô veio a falecer. O pai da minha mãe se mudou pra capital. o povo disse que foi a mulher do meu primo que fez tudo isso, porque ela mexia com magia negra, e ela falou que foi meus pais que fizeram, e minha avó acreditou nela, e passou a me maltratar. Meus pais, praticamente, me abandonaram. Minha mãe foi trabalhar pra longe e meu pai pra capital.

No ano de 2000, nós nos mudamos pra Manaus, deixamos tudo na nossa casa. Viemos com poucas roupas. Minha vida foi tipo na novela: uma hora você tem tudo de melhor e quando você acorda, não tem mais nada. Foi muito dolorido. Eles ficaram sabendo o que estava acontecendo comigo e foram me pegar. Minha tia alugou um quarto pra meus pais morarem, e tudo recomeçou. Nós brigamos muito, chegamos a dormir com fome e minha querida mãe dormia, só pra me dar um pouco de comida, que ela conseguia.

Fiz novas amizades. Minha prima sempre me chamava pra pegar frutas lá na Panair, também no mercado, no Centro, nos contêineres, e, novamente, minha mãe foi embora. Eu fiquei com meu pai, e ele foi trabalhar como catraieiro. Nossa janta toda noite era uma mini pizza. Depois, a mamãe voltou pra casa. Ela conseguiu um trabalho na vila marinha, como doméstica, um pouco de paz voltou para a minha vida.

## **5. Em minha primeira escola: Ensino Fundamental**

A minha educação com a escrita e com a leitura foi muito boa, pois bem ao lado de casa, tinha uma escola chamada Vasco Vasque. A minha mãe conta que eu ficava chorando, quando meu irmão ia pra escola, porque naquela época, só podia frequentar a escola, quem tinha seis anos completos. Mas, um dia, a professora do meu irmão deixou eu ir pra aula com ele, quando chegava no final de semestre a



professora fazia reunião com os pais, para entregar as notas de prova. Eu também queria receber o meu boletim. A professora entregava pra minha mãe umas folhas pintadas, que fazia na aula, e ficava todo feliz.

Quando finalmente completei a “idade certa” de ir pra aula, minha mãe fez minha matrícula. A professora do meu irmão se tornou, minha professora. O nome dela era Marluce, uma ótima educadora. Fiz até a 3<sup>o</sup> série, e, quando viajo pra lá, sempre vejo ela. Nunca dei trabalho na escola e sempre fui um ótimo aluno.

A minha segunda professora se chamava Francisca de Sá. Ela também era excelente, mas quando alguns alunos começavam a fazer barulho na aula dela, ela colocava de castigo de joelho pra parede, e toda sexta feira tinha sabatina e tinha uma palmatória que se chamava de maria-chiquinha e não tinha como faltar a aula, porque a escola era bem perto de nossas casas. A nossa merenda era muito deliciosa, pois quem fazia a merenda era a nossa professora mesmo. Não tinha merendeira na nossa escola. Na nossa merenda tinha feijão com macarrão e charque, macarronada com almôndegas.

Na minha época, as aulas só começavam depois do carnaval, ou seja, em março. E, nas férias, no mês de junho, só voltávamos em julho, um tempo bom. E mais, nós estudávamos conforme as estações do ano. Como era várzea na nossa comunidade, no tempo da enchente, as aulas paravam porque a escola ía toda para o fundo. E, quando rio baixava, as aulas continuavam normalmente. Até que no ano de 1998, nossa escola foi desativada completamente por causa das enchentes, e todos que estudavam nela foram transferidos pra outra escola, na comunidade de São Pedro, na vila do Nacional.

Já nessa nova escola, Jovino Coelho, pra chegar até ela, era sempre uma aventura. Nós íamos por terra e atravessávamos um pequeno rio. Passávamos por uma comunidade que não recordo o nome, e, nessa época, comprava merenda na taberna. Era chique, principalmente militos, Coca-Cola e grafites. Só pra quem tinha



dinheiro, e eu, como mostrava bicho pro turista, tinha meu dinheiro. E, quando voltamos pra casa, no meio do caminho, havia vários bois e tinham alguns que eram bravos. Nos faziam correr e subir nas árvores. Quando chegavam as datas comemorativas, como o dia do índios, do professor, pediam pra gente fazer lembranças na madeira, mas era bom para o nosso aprendizado, e, no dia sete de setembro, todos tinham que mandar fazer as fardas e as luvas e armas de madeira para o desfile.

E na comunidade onde cresci, na vila de São Francisco de Assis, uma vila abençoada, o nosso padroeiro, e nessa comunidade foram gravados o filme “Tainá: uma aventura na Amazônia”, e a novela “Quatro por Quatro”, foi um ano inesquecível, E, hoje, o nosso professor já faleceu, mas deixou um grande legado e seu ensinamento ficará guardado em nossa memória.

Lembro muito bem da música que a nossa querida professora cantava antes de iniciar as aulas: “bom dia amiguinho como vai, a nossa amizade nunca sai. Faremos o possível, para sermos sempre amigo, bom dia amiguinho como vai”. Oh saudades desse tempo!

Bock e Teixeira (2008) acrescentam que a família corresponde ao primeiro grupo de mediação do indivíduo. Conseqüentemente, é o seio onde prevalecem as relações de cunho afetivo, como o amor e a união de um grupo. E, é esse vínculo de afetividade familiar, que é repassado de geração a geração. A família propicia ao indivíduo a primeira educação, que é rica em valores humanos. Essa educação familiar é fundamental para o desenvolvimento social. É esta primeira educação que irá instruir e encaminhar o indivíduo a viver socialmente. Segundo Casarin (2007, p. 184), “a família tem sido, e será, a matriz do desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas”.

Para Oliveira e Marino-Araújo (2010), a escola e a família têm funções distintas, uma vez que a escola é responsável por repassar conhecimentos de cunho social e



histórico, enquanto que a família é responsável pela socialização das crianças e pela transmissão de valores e comportamentos que sejam aceitos na sociedade em que vivem.

#### **4. O ingresso no curso superior**

No ano de 2000, nos mudamos para Manaus, uma outra realidade de vida, outra metodologia de ensino. Confesso que senti muita dificuldade, principalmente no modo de ser e de falar, pois tudo pra mim era muito estranho naquele momento. Continuei meus estudos aqui na capital, na escola Diana Pinheiro, no bairro Santa Luzia. Minha professora se chamava Renner, e meus novos amiguinhos me zoavam por causa da minha fala.

No ano de 2001, vim morar no bairro Aliança com Deus, porque minha mãe queria ficar perto da minha avó. Nesse ano era invasão e tinha que pegar o ônibus lá no bairro Alfredo Nascimento, e tive que mudar novamente de escola, para a Escola Municipal Antísthenes de Oliveira Pinto. Comecei como intermediário, mas, pra conseguir essa vaga, tivemos que andar muito. Lembro-me que a minha mãe não pôde ir comigo e foi meu pai. Como havia muita gente na fila, meu pai se estressou e me deu um tapa bem no meu rosto e fiquei ali mesmo chorando.

E no outro dia, minha mãe foi comigo. E, finalmente, conseguimos a vaga. E para nós voltarmos pra casa, ela estava sem dinheiro e eu tinha somente a minha passagem. Então, ela disse pra eu pegar o ônibus e que ela ia andando. E comecei a chorar. Até que veio uma senhora e perguntou por que eu estava chorando e falei que minha mãe não tinha o dinheiro da sua passagem e ela deu dez reais pra minha mãe. E, nessa escola, o meu professor, Elionay, me ajudou muito no meu aprendizado.

No ano de 2007, finalizei o meu ensino médio, na Escola Estadual Prof. Júlio Cesar de Moraes Passos, Cidade Nova. Só tenho que agradecer a todos os meus professores, que passaram no meu caminho. Quando adolescente, queria ser



psicólogo, mas a educação falou mais alto. Sempre ajudava as crianças do meu bairro, com seus deveres escolares. O sonho de continuar estudando e ter uma licenciatura em pedagogia era impossível, mas, graças a Deus, veio a oportunidade de ingressar em uma Universidade, no curso de pedagogia, no ano de 2010. Fui fazer a prova e passei, no Centro Universitário Leonardo da Vinci- Uniasselvi.

Mas, com as dificuldades tive que trancar a faculdade, e veio uma grande oportunidade oferecida pela Universidade do Estado do Amazonas, o programa “Amazonas Alfabetizado”. Passei na seleção em ser monitor de educação de Jovens e Adultos. Apaixonei-me mais ainda pela educação. Em ver aquele sorriso dos jovens e, principalmente, dos adultos; em poder voltar para a escola, em poder estudar e aprender a ler e escrever seus próprios nomes, ou até mesmo ler a Bíblia que eles mais gostam.

E depois veio a SEDUC, com esse mesmo projeto, e participei novamente de todas as formações oferecidas, com novas metodologias. E tive o prazer de conhecer o prefeito, há época, José Melo. E nessa nova jornada conheci vários colegas de profissão, e quando o projeto finalizou, conheci outro projeto proposto pela Petrobras, onde me apresentaram ao coordenador. Fiz o processo seletivo e passei novamente nesse novo projeto; “Projeto do Instituto Paulo Freire”. Fomos contratados por onze meses de carteira assinada pela Instituição. Nesse projeto, não exigia muito o ensino superior, apenas o ensino médio, e a experiência em comunidade.

Continuei trabalhando em projetos comunitários, conforme a necessidade. Meus estágios foram todos na Escola Municipal Dr. Aristófanos Bezerra de Castro. Só tenho que agradecer à diretora Francineide, por me incentivar nos meus estudos, e de ter me colocado para participar do projeto fornecido pela SEMED, “o Programa de Gestão da Alfabetização”, e do “Mais Educação” e, também, do “Tempo de Aprender”. Foram experiências que me ajudaram a ter um currículo dentro da escola.



No ano de 2019, finalizei o curso de pedagogia com muita dificuldade, mas dessa vez não desisti. Durante o curso, aprendi muitas habilidades, que me fizeram ser um profissional melhor. De acordo com Freire (1999), a educação é dialógica, participativa e conscientizadora, que se desenvolve por meio da problematização da realidade, na sua apreensão e transformação. É o trabalho pedagógico com a metodologia da problematização. Ensinar significa criar situações para despertar a curiosidade do aluno e lhe permitir o concreto, conscientizando-se da realidade, questionando-a e construindo conhecimento para transformá-la.

No decorrer do ano 2019, se não falha a memória, a diretora me fez o convite para ingressar no curso da Pós-graduação, em parceria com a UEA e a SEMED, e a escola foi uma das contempladas pra fazer o curso. Fiquei muito feliz por fazer parte dessa nova etapa da minha vida, que só vai acrescentar na minha vida pessoal e profissional. No começo, foi difícil, porque era na videoaula, mas, depois, foi presencial. Ficou mais leve, e as professoras Regina e Angélica são maravilhosas. Explicam bem cada disciplina e se preocupam com cada aluno. Obrigado por essas pessoas tão maravilhosas.

Cada aula era novidade, e as dinâmicas, as atividades e, principalmente, as músicas; as vezes pareciam falar com a gente; e as reflexões, nossa! Eu chorava por dentro. Me fazia voltar no tempo de criança, quando corria pelos campos. Ainda estou aprendendo nesse novo caminho da minha vida, porque cada dia é um novo aprendizado.

Quando fomos fazer as atividades na prática, de fazer apresentações, senti um pouco de nervoso, mas isso é normal. Quem não sente? Foi uma experiência gratificante e um aprendizado enorme pra mim. Mas, no último dia da apresentação, quando entrei no auditório e vi os alunos e alguns professores da UEA, fiquei muito nervoso, mas depois passou e nós fizemos uma boa apresentação, com os materiais recicláveis. Fiz até lixeiras com as garrafas pets.



E essa experiência vou levar pra minha vida toda, tanto pessoalmente como profissionalmente. Esse curso me possibilitou um crescimento que eu nunca imaginava ter hoje e me fez gostar mais ainda dessa profissão, e não me arrependo de escolher pra minha vida. E como teve algumas pessoas que falaram, porque escolhi essa profissão que ganha pouco; respondi: não estou nela pelo dinheiro, sim pelo que gosto de fazer!

### **Considerações Finas**

O trabalho Memorial “As reflexões sobre minha trajetória de vida, desde a infância à vida acadêmica e à Pós-graduação” traz relatos vividos até este momento em que estou inserido no curso, já completando a etapa final. Durante o momento em que fui trazendo lembranças, pude resgatar alguns momentos marcantes da minha infância, que estavam um pouco adormecidos. E foram muitas experiências doloridas que fizeram parte da minha trajetória, mas, também, tive sucesso nas minhas lutas e, posso dizer, que fui muito feliz também nessa caminhada.

Os caminhos percorridos para realizar este memorial, e na busca de compreender melhor o tema abordado, foram cheios de desafios. Primeiro, por trazer as recordações boas ou ruins que são inesquecíveis e que marcam muito o nosso passado, e dói o coração de tanta saudade. Saudade do tempo de criança, quando brincava com os meus primos, e de ir pra casa dos meus avós, que, infelizmente, já não estão conosco; do aconchego que eles me davam.

No relato da minha vida, tive momentos difíceis para conseguir chegar onde estou agora. Durante o trajeto da minha vida escolar até ao ensino superior, tive muitas dificuldades. Até entendo essas dificuldades. Só me fizeram ter mais esforços de continuar a caminhada, e com elas, aprender a ser essa pessoa mais preparada pra enfrentar essa profissão de ensinar.



A escola Municipal Dr. Aristófanés Bezerra de Castro abriu as portas pra me colocar em prática o que eu aprendi na faculdade; e ser esse profissional com olhar mais humano, e poder ensinar a essas crianças com dificuldades de aprendizagem na sala de aula.

E finalizo este memorial com agradecimentos, primeiramente a Deus, que me deu forças pra conseguir alcançar meus objetivos, e agradeço a minha mãe e a esposa que sempre estiveram ao meu lado. Principalmente à diretora Francineide, obrigado por tudo Fran! Que Deus te abençoe grandemente sua vida! Obrigado por essa oportunidade.

### Referências

ARENTH, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro. 7. ed. São Paulo: Perspectivas, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia: uma introdução ao estudo da psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia Von (orgs.). **A criança e a mídia: imagem educação, participação**. Brasília: Unesco Brasil, 1999.

CASARIN, Nelson Eliton Fonseca; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. Família e aprendizagem escolar. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 24, n. 74, 2007.

FERREIRA. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KUHLMAN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação 2004.



OLIVEIRA, C. B.; MARINHO ARAÚJO, C. M. A relação família escola: Intersecções e desafios. **Estudos de psicologia**, Campinas, jan./mar. 2010.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológico superiores. Organizadores Michel Cole. (Tradução; José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Costa Afeche). São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOSTSKY, Liev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martin Fontes, 1991.